

CORPO E LINGUAGEM PARA ADIAR O FIM DO MUNDO: SENSIBILIZAÇÕES DA LÍNGUA DE SINAIS

Maitê Thainara Barth¹

Fernanda Luiza de Faria²

Roberto Dalmo de Oliveira³

Resumo

A partir de aproximações da Libras com a Filosofia da Diferença, buscamos compreender como os sentidos do corpo, para além da fala, podem esboçar pistas de educações para adiar o fim do mundo. Em composição com a escrita-oficina, uma escrita inventiva e poética, avivamos memórias de experiências onde as palavras nem sempre foram suficientes para expressar. Nem tudo o que atravessa o peito pode ser nomeado em voz alta. Não desejamos uma língua que manipula, controla e que tem sede de poder. Mergulhamos em outras possibilidades de relações de corpo e linguagem, repousando a atenção em sujeitos que ainda não estejam içados pelas linhas de marionetes trançadas pelas máquinas: pessoas surdas. Trazemos pistas sobre o uso do corpo como engajamento para pensar educações, partindo das sensibilizações, afetos, encontros e de outras formas de expressar.

Palavras-chave: Filosofia da Diferença, Libras, surdez, escrita-oficina.

BODY AND LANGUAGE TO POSTPONE THE END OF THE WORLD: SIGN LANGUAGE SENSIBILIZATION

Abstract

From Libras' approaches to the Philosophy of Difference, we seek to understand how the body's senses, in addition to speech, can outline educational clues to postpone the end of the world. In composition with workshop-writing, an inventive and poetic writing, we revive memories of experiences where words were not always enough to express. Not everything that crosses the chest can be named out loud. We do not want a language that manipulates, controls and thirsts for power. We delve into other possibilities of body and language relations, resting our attention on subjects who are not yet hoisted by the marionette lines braided by machines: deaf people. We bring clues about the use of the body as an engagement to think about education, starting from awareness, affection, encounters and other forms of expression.

Keywords: Philosophy of Difference, Libras, deafness, workshop-writing.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática - Universidade Federal do Paraná. E-mail: maitebarth13@gmail.com

² Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail:fernandafaria@ufsj.edu.br

³ Universidade Federal do Paraná. E-mail: robertodalmo@ufpr.br

Passando os dedos nas páginas de um livro qualquer, buscando se aventurar em palavras que possam atribuir novos sentidos à imaginação e aos sentimentos. Pois, das palavras de ordem já estamos fartos. “Uma regra de gramática é um marcador de poder, antes de ser um marcador sintático” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 13). Não há como saborear pela língua todos os atravessamentos do corpo.

Das labaredas que aquecem nosso andarilhar, encontramos com Deleuze e Guattari, filósofos franceses que delineiam incômodos sobre as subjetividades, singularidades e aprisionamentos maquínicos, esboçando a Filosofia da Diferença. As máquinas capitalistas temem corpos rebeldes, por isso encontram formas de controles penosas de escapar. Moldam justificações para que sistemas e poderes sejam mantidos, moldam linguagem e comportamentos. “O que conta não é a individualidade do rosto, mas a eficácia da cifração que ele permite operar, e em quais casos. Não é questão de ideologia, mas de economia e de organização de poder” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 47).

Das dominações de sujeitos, corpos e língua, nos aproximamos de pessoas com deficiências, vistos como improdutivos e rostificados de formas injustas. Um rosto-máscara pequeno para limitar corpos em constante movimento, nuance e história. As forças maquínicas contaminam nossa rotina, fazendo perder a sensibilidade de olhar atentamente o outro, no coletivo.

A máquina do ensino obrigatório não comunica informações, mas impõe à criança coordenadas de semióticas com todas as bases duais da gramática (masculino-feminino, singular-plural, substantivo-verbo, sujeito do enunciado-sujeito da enunciação, etc). A unidade elementar da linguagem - o enunciado - é a palavra de ordem. [...] A linguagem não é mesmo feita para que se acredite nela, mas para obedecer e fazer obedecer (Deleuze; Guattari, 2011, p. 12).

As forças maquínicas endureceram as educações, insensibilizando práticas de multiplicidade, inventividade e aventuras. Estamos esgotados de pedagogias de controle, que tensionam limites de corpos, que não suportam o desejo como produtor de subjetividades e singularidades. As fronteiras burocráticas que nos

distanciam de práticas coletivas, nos afastam de vínculos com os estudantes, bem como as trocas possíveis que o contato possibilita (Rigue; Sales, 2023). “O que chamam de educação é, na verdade, uma ofensa à liberdade de pensamento, é tomar um ser humano que acabou de chegar aqui, chapá-lo de ideias e soltá-lo para destruir o mundo” (Krenak, 2020, p. 55).

Mergulhamos em pistas sobre outras possibilidades de relações de corpo e linguagem, repousando a atenção em sujeitos que ainda não estejam içados pelas linhas de marionetes trançadas pelas máquinas: as pessoas com deficiências e, em especial, as pessoas surdas. Assim, objetivamos compreender como os sentidos do corpo, para além da fala, podem esboçar pistas de educações⁴ para adiar o fim do mundo. Essas pistas, não como regras, mas como guias que auxiliam no processo de atenção para partilhar discussões de educações com sujeitos e modos outros de habitar.

Educações hegemônicas, institucionalizadas e sufocantes não se equilibram nos mesmos eixos do ser desejante, produtor de devires inventivos. O sujeito surdo é compreendido pelas forças maquínicas dominantes como um corpo que falha, que falta, que precisa se remodelar para encaixar no mundo pré-estabelecido (Deleuze; Guattari, 2011). Se afastando dos olhares de controle, a comunidade surda se fortalece em rizoma, dando espaço para o corpo que transborda, que afeta, expressa e produz com o desejo.

Para compor esse corpo-texto nos encontramos com a escrita-oficina, que abre espaço para diferentes composições de escrita, memória, palavra, arte, ficções e invenções. Uma escrita que “aparece para falar da vida” (Rigue, 2021, p. 13). Que possibilita mobilizar afetos dentro de estruturas textuais inflexíveis e, por vezes, insensíveis.

Uma *escrita-oficina*, para além da experimentação, exige a feitura de alianças, exige uma trama de fios, exige que se criem laços, muitas vezes de conexões estranhas, *esquizas*, não esperadas, que a escrita encontra a ocasião de trazer à tona (Pontin; Godoy, 2017, p. 1563).

⁴ Educações no plural porque buscamos abranger além de “[...] algo relacionado a uma intenção explícita de ensinar um determinado conteúdo a alguém” (Feather, 2023, p. 19).

Aproximar práticas de escritas poéticas, inventivas e potentes com as oficinas, local de movimento do corpo. Cocriações e contágios heterogêneos, de modo a experimentar a atuação de mobilizações afetivas (Pontin; Godoy, 2017). Quando nos atentamos para o “[...] modo como um corpo se apresenta em sua capacidade singular de afetar e ser afetado, nos aproximamos desta multiplicidade de modos de existir que precisam ter suas histórias ouvidas e narradas” (Azevedo, 2020, p. 153).

Para a escrita-oficina rizomática, fragmentamos esse corpo-texto em tomos-vacúolos. “Cada tomo-vacúolo entrecruza gestos, sabores, intensidades, incongruências, personagens, forças que chegam na medida em que experimento os sentimentos e as sensações do contato” (Rigue, 2021, p. 16). Alinhada ao conceito de rizoma de Deleuze e Guattari, que

[...] não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a n dimensões, sem sujeito nem objeto (Deleuze; Guattari, 2011, p. 32).

Por isso, compomos com memórias da primeira autora pois, apesar de uma escrita compartilhada e orientada, sente vivências latejarem e abrirem espaço para serem assimiladas de outras maneiras. O verbo se altera, acompanhando a história contada. Tudo isso com leituras da Filosofia da Diferença e surdez que fazem as recordações serem remodeladas, ganhando novos significados. As lembranças da infância dão espaço para as profissionais, no cargo de Auxiliar de Classe que tinha como função auxiliar alunos com deficiências a realizarem as atividades propostas pelos professores - ledô engano.

Pela narrativa, tentamos avivar “[...] imagens, sons, cheiros e aquilo que um dia foi possível sentir pela pele em contato com as coisas, as pessoas, o mundo” (Azevedo, 2017, p. 149). Também damos espaço para essa escrita-oficina movimentar e expressar para além da fala, compartilhando espaço com a comunidade surda, com a Língua Brasileira de Sinais (Libras), que nos despertam e instigam a ir além. “As palavras não são ferramentas; mas damos às crianças



linguagem, canetas e cadernos, assim como damos pás e picaretas aos operários” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 12). A Filosofia da Diferença, acompanhada de Deligny, Larrosa, Ingold, Krenak partilham essa roda expressiva com autoras que estudam a surdez, como Quadros e Sá.

A partir disso, temos como pergunta: como os sentidos do corpo, para além da fala, podem esboçar pistas de educações para adiar o fim do mundo?

Tomo I: desassossego das memórias

As memórias da infância são distorcidas, sem tantos detalhes, apenas lembranças pontuais. Escuto histórias que me levam longe, para o vento que passava pelo meu rosto e cabelos seguindo os balanços na rede, para as brincadeiras entre irmãos no rio que corre atrás de casa, para o cheiro das flores que brotavam pelo jardim misturadas com o das roupas úmidas penduradas no varal em dias ensolarados. Eles relembram a quantidade de vezes que chorava mas não revelam ao certo os motivos. Entre sorrisos, contam que chamava pela ‘minha mãe’ e ‘minha pai’ com uma voz manhosa. As fotografias guardadas em um armário antigo, que pertencia a minha bisavó, mostram traços da timidez pelo receio dos dentes à mostra na hora do riso.

Hoje, questiono sobre as memórias de outros e que também deveriam ser minhas. Me inquieto sobre o momento em que dei conta de nomear os sentidos, os afetos, as saudades. Como entender o que se passa do lado de dentro do corpo e transformar em palavras. Sinto que ainda continuo a buscar as sutilezas das formas de me expressar e, com isso, me encontrar. Queria ter mais lembranças do passado para compreender melhor esse processo expressivo, imersivo e subjetivo que não dá folga.

Meus pais contam que desde os quatro meses de vida frequentava a creche para que pudessem trabalhar. As aproximações entre cuidado, trabalho e educações são perfeitamente delineadas por um sistema que visa o controle de mentes e

corpos. As composições coletivas medidas por cédulas de papéis, que desabrocham egoísmo, manipulações, fome e crises climáticas.

Parando para pensar, desde recém-nascida até os dias atuais, em nenhum momento fiquei sem vínculos com os espaços educativos formais. Creche, Fundamental 1, Fundamental 2, Ensino Médio, faculdade, mestrado e logo mais o doutorado. O quanto esse espaço moldou o que entendo por sentimentos e modos de expressão, uma vez que nunca deixamos de nos ocupar?

Tomo II: desassossego das experiências

Eu fui numa viagem pro outro lado de mim
Fui recebido pelo amor mais puro, serafim
Entrei num trem que partia por um trilho diferente
Percorrendo os caminhos mais escondidos da gente
(Gilsons; Mestre, 2020).

Nosso primeiro encontro foi um pouco depois do sinal bater às 7h30 na segunda-feira. Conversei brevemente com seu pai, me apresentando. Voltei minha atenção ao menino, que estranhava o que acontecia ali. Eu não era a pessoa que ele estava acostumado a esperar na porta da escola. Por isso, caminhou na minha frente quando nos direcionamos para a sala de aula. Não lembro do clima nem das disciplinas do dia e, ao mesmo tempo, isso não importa. Fomos direto ao fundo da sala, onde tinha duas carteiras juntas, em dupla.

Ele e eu. Sem professora ou colegas de turma. O afastamento de ocupar o último espaço livre da sala para não ser percebido. A estranheza de não pertencer a nenhum lugar. A deficiência como única máscara possível de ser enxergada. Deleuze e Guattari (2012) atentavam sobre as rejeições de rostos não conformes, com ares suspeitos, de corpos com jeitos outros de compor no mundo. As formas de controle são escancaradas e, ao mesmo tempo, invisibilizadas na mesma medida.

A coordenação motora fina estava sendo trabalhada e segurar um lápis ainda era complicado. Tentamos canetinhas e outros materiais de maiores diâmetros para segurar. O seu nome completo era escrito perfeitamente. Mas escrever aborrecia, irritava, chateava. Levantava e caminhava entre os contornos de nosso fundo de

sala mexendo as mãos em formas que se repetiam de tempos em tempos. Não fazia sentido continuar nos limites de cadeiras e carteiras.

Nossas interações não eram mediadas pelas palavras, porque ele não se expressava verbalmente. Os olhares, movimentos de cabeça, rosto, mãos e corpo eram muito mais significativos.

Uma criança, uma mulher, uma mãe de família, um homem, um pai, um chefe, um professor primário, um policial, não falam uma língua em geral, mas uma língua cujos traços significantes são indexados nos traços de rostidade específicos. Os rostos não são primeiramente individuais, eles definem zonas de frequências ou de probabilidade, delimitam um campo que neutraliza antecipadamente as expressões e conexões rebeldes às significações conformes (Deleuze; Guattari, 2012, p. 36).

Das expressões que perpassam o controle da boca e da audição surgem outras possibilidades, entre caminhos possíveis de nos associarmos. Larrosa (2012, p. 3) lembra que talvez “seja este o momento justo para estancar o desespero e reparar no que há à volta. Suspender o regime da urgência, criando as condições para uma abertura desarmada e responsável à emergência”. Estar aberto para o que vier dos encontros, habitar o caminho com presença.

Nós, emaranhados diariamente. Conversei com a coordenação escolar sobre a disponibilidade de um tapete e jogos para tentarmos novas atividades e possibilidades de configurações do espaço. As orientações que eram ditas por mim, eram atentamente escutadas e assentidas por aqueles olhos tão expressivos. Quando ficava incomodado, andava apressadamente pela sala, de um lado para outro. Percebi que fazia um movimento com os dedos toda vez que isso acontecia. Prestar atenção no movimento de seus dedos o acalmava. O movimento se repetia dias e dias, sempre que necessário.

Em uma dessas andanças, ele parou na minha frente e apontou para meu colo. Estava sentada no tapete ao fundo da sala, acenei com a cabeça e ele sentou. Começou a chorar e continuava movimentando os dedos da mão direita. No meio do afago, percebi que os movimentos tinham um final e voltavam a se repetir do início. Olhei atentamente, tentando desenhar imaginariamente as linhas que estavam sendo traçadas ali. Quando me dei conta, disse em voz alta: A, B, C... As letras

foram sendo desenhadas no ar, no ritmo que minha voz ditava, até as lágrimas cessarem.

Agora, quando chegava na escola já vinha estendendo a mão para andarmos juntos até a sala. Testamos coisas novas, como jogos com letras para formar palavras. Sempre foi dito que ele não era alfabetizado por não se expressar verbalmente. Talvez ninguém tenha repousado atenção por tempo suficiente, as pistas estavam ali.

Um computador antigo que estava em um canto sem uso na sala de informática demos nova tarefa e o instalamos em nosso fundo sala. Aquele espaço estava se tornando um pouco mais aconchegante com a chegada de jogos, tapete, almofadas, computador, materiais elaborados por nós e artes coladas pelas paredes. No computador, ensinei o uso do teclado e a disposição das letras. Na ferramenta word, tecemos diversas palavras e pequenas frases, esgotamos todos os jogos de matemática, ciência e português que estavam instalados no computador da escola.

O encontro é uma ferida. Uma ferida que, de uma maneira tão delicada quanto brutal, alarga o possível e o pensável, sinalizando outros mundos e outros modos para se viver junto, ao mesmo tempo que subtrai passado e futuro com a sua emergência disruptiva (Larrosa, 2012, p. 1).

Os olhos e as mãos expressavam muito - talvez tudo o que era preciso. Mas quem nota para além das palavras?

Tomo III: a verbalização das educações

Pode ser que passe despercebido durante algum tempo, mas os incômodos se acumulam sutilmente e pesam. A carga excessiva que carregamos sem rumo, desatinados. A sensação de nós na garganta, de não conseguir expressar tudo o que se passa dentro da mente, do peito, tudo o que sentimos pela pele.

As palavras nem sempre foram suficientes para expressar. Nem tudo o que atravessa o peito pode ser nomeado, essa sensação constante de prepotência ao colocar tudo na ponta da língua. Se não transformo em som, não existe. A

eloquência é uma boa forma de sobrevivência dentro desses limites que apertam. Será que já não nos encontramos “[...] fartos de palavras vazias, de palavras fetiche, de palavras palavreadas repetidamente, usadas como moeda falsas, até esvaziar seu sentido?” (Larrosa, 2014, p. 82).

Talvez não tenhamos noção do quanto as palavras tomaram conta de tantas definições, das palavras que saem em alto e bom som. A voz, a palavra dita, é dominante. Ela é quem expõe os planos, manipula os ouvidos e comanda o disparo de fogo. “Não existe uma língua-mãe, mas tomada de poder por uma língua dominante dentro de uma multiplicidade política” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 23).

A língua oral que comanda as relações atuais, caso não se diga, não se tem, não se sente. O quanto deixamos escapar pelos olhos. O quanto nossas mãos descarregam em desenhos, nos tracejados desalinhados ou nas cordas de um instrumento qualquer. Larrosa (2014, p. 87) já enfatizava que “as palavras apodrecem. Quando nos vêm à boca, antes de dizê-las, as tocamos com a ponta da língua e elas se decompõem como fungos apodrecidos e já não podemos pronunciá-las sem asco”.

Para além de vociferar, comandar, enganar, os significados emaranhados nos discursos devem nos manter atentos, para que não nos percamos nos sufocamentos dessas imposições. Ingold (2022, p. 29) no livro intitulado ‘Linhas: uma breve história’ salienta que

Os significados das palavras ditas, dizemos, não devem ser encontrados nem nos seus sons, nem nos seus efeitos que estes tem sobre nós. Em vez disso, supõe-se que eles repousam atrás do *som*. Assim a atenção dos ouvintes não é direcionada para os sons da fala em si, mas para os significados comunicados por eles e os quais os sons servem, em certo sentido, para transmitir. Parece que, ao ouvir um discurso, a consciência penetra através do som para alcançar um mundo de significado verbal que está além. E, da mesma forma, este mundo está absolutamente silencioso - tão silencioso, na verdade, como as páginas de um livro” (Ingold, 2022, p. 29).

A comunicação oral estabelece limites para as relações que permeiam a sociedade, isso porque muito da cultura dominante é pautada nesses aspectos. Das contações de histórias, das músicas de ninar, das brigas e diálogos, das notícias na



televisão, das músicas e podcasts, das redes sociais e dos pronunciamentos oficiais por vídeo. A maioria delas preza pela combinação do som e imagem, por quais significados e por quais significantes?

Ingold (2022, p. 26) destrincha que “parece que, nas sociedades modernas, retidão passou a ser um epítome não só do pensamento racional e da argumentação, mas também dos valores de civilidade e retitude moral”. Os padrões de ser, estar e habitar são pautados no binarismo de certo e errado, levando a simplificação de relações complexas e estreitamente entrelaçadas. Os monólogos, ideias unilaterais passaram a ser vangloriados ao invés das construções coletivas, através do tempo e das fabulações.

Como pensar em espaços educativos que explorem os sentidos dos estudantes, sendo as sensibilizações e as expressões uma das formas possíveis de habitar e conhecer o mundo. Krenak (2020, p. 19) questiona a potência dos sonhos como “[...] uma instituição. Uma instituição que admite sonhadores. Onde as pessoas aprendem diferentes linguagens, se apropriam de recursos para dar conta de si e do seu entorno”.

É preciso relembrar constantemente o que e a quem interessa as relações frias e rígidas, onde os afetos passam longe de mover os corpos. Deligny (2018, p. 123) expõe que

A criança de hoje “conhece” o mundo - das solidões geladas, dos grandes hotéis, do Equador e dos botecos obscuros. Ela acredita conhecê-lo, acredita nas imagens. Tem repulsa aos livros. Está desgostosa da monotonia cotidiana e hesitante com a vida familiar. As evasões vêm ao seu encontro (Deligny, 2018, p.123).

As andanças pelo mundo não entusiasma aventureiros para a experimentação pois, hoje, desbravar é um toque no botão pesquisar das buscas eletrônicas. “Os piores hábitos são aqueles que não ousamos ter, pois o balanço da vida, em seu magnífico e frágil vaivém, corre o risco de ficar preso nessa vegetação monstruosa que é o privilégio misterioso das aparências conformes” (Deligny, 2018, p. 27).

Nos aproximando do contexto escolar, Larrosa (2014, p. 78) evidencia que “quando o diretor da escola escolhe um corpo para fazer parte do corpo docente toma muito cuidado para que não seja um corpo simpático, normal e humano, mas sim um corpo pedagógico [...]”. Um corpo obediente, dócil e domável, para que não sejam incentivadas práticas que favoreçam outras aberturas para compreender o mundo, os sujeitos, as subjetividades, as organizações e os poderes.

Tomo IV: a língua que não teme as expressões (faciais, corporais, de afetos)

Para além da escuta, tantas outras formas de se expressar podem ser possíveis quando abrimos espaço para novas explorações. Nesse mundo habitam também línguas que propiciam o uso do corpo para comunicar, de tantas outras formas que nos parecem estranhas inicialmente. A comunicação de pessoas surdas a partir de outros modos de expressão mostram que

[...] focar na mão e no seu trabalho é dispersar de uma vez a ilusão de que o que vemos são coisas necessariamente quiescentes. As palavras silenciosas da linguagem de sinais, por exemplo, podem ser tão vivas quanto as palavras sonoras da fala, e a sua apreensão exige uma atenção visual que é tão dinâmica e participativa - muito como uma questão de se juntar como praticamente na sua atuação - quanto ouvir (Ingold, 2022, p. 166).

Apesar do Brasil ser considerado um país bilíngue com a língua portuguesa e a Libras - reconhecida pela Lei nº 10.436 (Brasil, 2002) - ainda é desconhecida pela grande maioria das pessoas. Marginalizada, pois “[...] a máquina de rostidade já os submete a forma exclusiva de expressão significante e subjetiva” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 52). Não se abre espaço para os desassossegos que as diferenças causam, sobrando apenas repulsa ou indiferença.

Comentários de que a Libras é composta por gestos são incompreensões da estrutura de uma língua que é incorporada em sistema conhecido como visuo-espacial, por ser composta por gramática, configuração de mão, ponto de articulação, movimentação da sinalização e expressão não-manual.

Uma língua está sempre presa a rostos que anunciam os enunciados dela, que os lastreiam em relação aos significantes em curso e aos sujeitos concernidos. É pelos rostos que as escolhas se guiam e que os elementos se organizam: a gramática comum nunca é separável de uma educação dos rostos. O rosto é um verdadeiro porta-voz (Deleuze; Guattari, 2012, p. 52).

As expressões não-manuais dizem respeito a movimentos do corpo como tronco, ombros, olho, boca, sobrelanceira, tendo como exemplo as expressões faciais (Stokoe, 1960). As expressões faciais podem ser diferenciadas em dois grupos, sendo o primeiro das expressões afetivas que são para expressar o que se está passando do lado de dentro, desde a raiva, angústia, felicidade, paixão (Quadros; Pizzio; Rezende, 2008). O corpo como espaço de sentimentos.

A segunda categoria das expressões faciais se aproxima das marcas gramaticais, como as sintaxes de afirmação, negação ou o franzir das sobrelanceiras na interrogação (Quadros; Pizzio; Rezende, 2008). Além disso, os sinais que compõem o vocabulário da Libras articulam diferentes partes do corpo e podem ser feitos na cabeça, tronco, membros superiores e espaço neutro (espaço que não faz referência a nenhuma parte do corpo). O que pode ser explicado e entonado pelas cordas vocais, aqui utilizamos de um corpo vivo e em movimento para expressar.

A relação dos sujeitos com a linguagem modifica sua percepção de mundo, com as brincadeiras, contações de histórias, artes e educações. A experiência surda pode ser expressa pela linguagem, pinturas, artefatos, motivações, juízos de valor, que gera códigos próprios para esses indivíduos, formas de organização e solidariedade (Sá, 2006). A experiência surda acaba por ser construída de modos alternativos à experiência oralista por conta da linguagem.

Infelizmente, dentro das organizações dominantes, o sujeito surdo acaba sendo moldado apenas por esse único rosto da deficiência, sem conseguir atravessar discussões que também perpassam sua identidade como questões raciais, de gênero e LGBTQIAPN+ (Sá, 2006). As pautas, ideias e debates da comunidade surda acabam não chegando para compor junto com as pautas que são debatidas com o seletivo grupo que dita ordens.

Tomo V: das sensibilizações possíveis

Não andamos só, há tantos de nós, há tantos encontros possíveis. Arranjar modos de perceber e cultivar essas relações dentro das nossas composições em nosso próprio tempo. “Não conheço nenhum sujeito de nenhum povo nosso que saiu sozinho pelo mundo. Andamos em constelação” (Krenak, 2020, p. 21).

Nos descompassos acadêmicos, encontramos algumas relações possíveis entre a Libras e a mobilização de corpos, de sensibilizações, de aprendizados, de espaços coletivos e expressivos. Ingold (2022) provoca que o conhecimento cresça à medida que avançamos pelos caminhos, independente da velocidade, pois continua sendo movimento.

Encontramos alguns trabalhos que podem nos dar pistas de como pensar em outros modos de relacionar dentro da rigidez que é a estrutura social e escolar. Com o objetivo de discutir letramentos literários de pessoas surdas, Ramos (2020) relata que o ensino de literatura pode ter atravessamentos que perpassam apenas a letra, a palavra. Isso porque sua hipótese é que a literatura no contexto da Libras se dá no corpo, como um *corpus* poético que transcende o texto escrito. “Trata-se de uma forma artística radicalmente distinta da literatura grafocêntrica, com potencial criativo agudo e inovador, em exercícios de performance” (Ramos, 2020, p. 3). E, ainda, reforça que a perspectiva tradicional, dominante e oralizada concebe o texto literário indissociável da palavra escrita, mas que essa concepção não retira o direito à literatura da comunidade surda (Ramos, 2020).

Discutindo a poesia em língua de sinais pode criar e traduzir a cultura e identidade surda, Quadros e Sutton-Spence (2006) destrincham o poema *Three Queens* de Paul Scott e *Bandeira Brasileira* de Nelson Pimenta. As autoras perceberam que as sinalizações são intensificadas para efeito estético visual - sinal arte. “As ideias de olhar e de ver, dos olhos e da visão são repetidamente tecidas em poemas sinalizados” (Quadros; Sutton-Spence, 2006, p. 116). Em contraponto, “O som – e a ausência dele – tem lugar muito pequeno nessas poesias e é raro encontrar um poema na língua de sinais que foque em qualquer sentido a perda da audição para pessoas surdas” (Quadros; Sutton-Spence, 2006, p. 117).

As estruturas características de poemas são também contempladas como a repetição. Mas essas estruturas podem variar sutilmente, já que aspectos visuais são preferíveis, assim dão espaço para repetições de configuração de mão, sincronismo rítmico dos sinais, parte do corpo onde se é sinalizado, movimento, expressões manuais e faciais, entre outros. “A repetição pode simplesmente ter a apelação estética e nós podemos apreciar os padrões criados pela repetição e admirar a habilidade do poeta em selecionar ou em criar os sinais que determinam certos padrões.” (Quadros; Sutton-Spence, 2006, p. 131). Assim como também podem ser explorados outros recursos na construção poética como simetria e assimetria visual e espacial, neologismo, morfismo, tudo isso para construir a sutileza poética no contexto da língua de sinais.

O trabalho de Silva (2017) buscou compreender como conceitos de performance aliados à literatura podem ser abordados em contextos em que tenham pessoas surdas. Através da crônica “Não foi com certeza assim mas faz de conta” de autoria de Antonio Antunes, Silva (2017) explorou narrativas que atravessam a teatralidade. Um dos aspectos que chamam a atenção foi a não contentação em dizer o nome do personagem ou da cidade em que se ambienta a história, mas sim, o uso do corpo na descrição dos detalhes. As expressões faciais e corporais deram espaço para a construção das emoções incorporadas dentro da obra. Ao compartilhar a performance com alunos surdos de 9º ano do Ensino Fundamental, percebeu discussões sobre as memórias trazidas durante a história e questionamentos sobre escolhas de descrições e sinalizações, dando pistas que os alunos estavam interessados em aumentar seu próprio vocabulário na Libras.

Aproximando duas formas de dominação, o ouvintismo e o racismo, Santos, Fernandes e Silva (2023) promovem debates entre raça e surdez a partir da análise de produções artístico-culturais. As ferramentas artísticas são entendidas como possibilidades de pensar a descolonização do corpo, trazendo a complexidade em que as subjetividades dos sujeitos são emaranhadas. Perpassando artefatos culturais, tecidos, poemas, humor, pinturas, e potencializando “ativistas” negras

surdas. O corpo como espaço de resistência, visibilidade e identidade, um corpo político.

Quando o povo for libertado e ousar andar com seus próprios pés, a obra de arte ganhará para ele formas, cores e músicas familiares. Será preciso, por favor, libertar ao mesmo tempo as crianças e colocá-las junto de educadores de presença leve, provocadores de alegria, sempre prontos a remodelar bolas de argila, vagabundos eficazes maravilhados pela infância. Esperança (Deligny, 2018, p. 130).

Santos, Fernandes e Silva (2023) também destacam a relevância do Congresso Nacional de Inclusão Social de Negros Surdos (CNISNS) nas lutas do movimento negro surdo, uma vez que era um espaço para o debate de pautas contra-hegemônicas, que não tinham aberturas em outros locais. Dialogando com mulheres negras surdas, Fernandes e colaboradores (2022) querem conhecer suas narrativas pessoais. As autoras perceberam que, além do racismo e bullying em idade escolar, essas mulheres relataram solidão também na idade adulta por não conseguirem buscar ajuda com profissionais ou dialogarem com pessoas da família. Que o formato de seus cabelos era questionado diariamente na escola e, quanto alisados, o foco se tornou o formato de seus corpos. Discriminação de gênero, racismo e capacitismo, escancarando as hierarquias que comandam a sociedade.

Na comunidade indígena Kaapor, localizada no norte do Maranhão, tem altos índices de nascimento de crianças surdas, tomando como iniciativa o desenvolvimento de uma própria língua de sinais. Cardoso (2023, p. 267) destaca que “na aldeia Kaapor, a comunidade aprende a língua de sinais para incluir o surdo e não o contrário”. Suas sinalizações são carregadas de aspectos culturais e identidades de seu povo, além de ser ensinada e compartilhada ao longo das gerações.

Tomo VI: pistas para adiar o fim do mundo

O uso do corpo como engajamento para outras formas de pensar educações, partindo das sensibilizações, dos afetos, dos encontros, de outras formas de

expressar. A vocalização não como caminho único, mas compartilhado de tantos outros sentidos.

Uma linguagem podre é o sintoma de um mundo podre e de umas formas de vida podres. Porém, a nós essa linguagem nos provoca asco e a sentimos como uma armadilha, e sabemos que é o que impõem os poderosos, os opressões e os covardes, a linguagem do inimigo (Larrosa, 2014, p. 86).

Não desejamos a língua que manipula, que controla e que tem sede de poder, que não dá espaço para criar, para sentir, para acolher. “A língua recebida já não nos serve, nos provoca nojo, e aquela na qual talvez pudéssemos dizer alguma coisa, não a temos ainda” (Larrosa, 2014, p. 87). As aproximações com a Libras, língua que mobiliza corpos em configurações diferentes, pode tecer pistas sobre outras formas de expressar.

Para isso, precisamos estar abertos a compor com a comunidade surda e dar espaço para o que surge a partir desses encontros. E, coletivamente, romper com rostos capacitistas moldados pelas dominações capitalistas pois “se o rosto é uma política, desfazer o rosto também o é, engajando devires reais, todo um devir-clandestino” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 64). Habitar com diferentes sujeitos, subjetividades, linguagens, corpos e deficiências.

Krenak (2019, p. 13) provoca que “[...] adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim”. Repousar o tempo e aprender com a comunidade surda pode ser uma pista de como adiar o fim do mundo e de como repensar a linguagem dominante. Como Larrosa (2012, p. 4) relembra “viver juntos é, tão somente, adiar o fim”.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Adriana Barin de. Como narrar um corpo mínimo? **Criar Educação**, Criciúma, v. 9, n. 3, p. 148-167, ago. 2020.

BRASIL. Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm>. Acesso em: 05 dez. 2023.

CARDOSO, Keila Ferreira. Língua de Sinais Kaapor: história e identidade. **Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 10, n. 5, p. 263-270, mar. 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs** (Vol. 1). Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs** (Vol. 3). Editora 34, 2012.

DELIGNY, Fernand. **Os vagabundos eficazes**: operários, artistas, revolucionários: educadores. São Paulo: n-1, 2018.

Feather, Bartholomew. **A máquina classificatória de humanidades**: escritos excrementais. Tradução: Roberto Dalmo. São Paulo: Livraria da Física, 2023.

FERREIRA, Charliane Oliveira *et al.* Resistir para existir: uma análise de narrativas de mulheres surdas e negras sobre suas (re)existências. **Gatilho**, Juiz de Fora, v. 23, p. 126-147, 2022.

GILSON; MESTRE, Júlia. Índia. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/gilsons/india-part-julia-mestre/>. Acesso em: 05 dez. 2023.

INGOLD, Tim. **Linhas**: uma breve história. Tradução: Lucas Bernardes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

LARROSA, Jorge. O encontro é uma ferida. Excerto da conferência-performance Secalharidade. Culturgest, 2012.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

PONTIN, Vivian Marina Redi; GODOY, Ana. Das escritas, dos corpos, afetos e entretempos. **Educação e Filosofia**, [S.L.], v. 31, n. 63, p. 1559-1569, 30 dez. 2017.

QUADROS, Ronice Müller de; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. **Língua Brasileira de Sinais II**. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisII/assets/482/Lingua_de_Sinais_II_para_publicacao.pdf. Acesso em: 05 dez. 2023.

QUADROS, Ronice Müller de; SUTTON-SPENCE, Rachel (org.). POESIA EM LÍNGUA DE SINAIS: traços da identidade surda. In: QUADROS, Ronice Müller de (org.). **Estudos Surdos I**: série pesquisas. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2006. p. 110-165.

RAMOS, Danielle. O corpo como corpus: lugares do ensino de literatura para estudantes surdos. **Revista Exitus**, [S.L.], v. 10, p. 1-27, 1 jan. 2020.

RIGUE, Fernanda Monteiro. O acesso ao corpo mínimo e os processos educacionais: tomos-vacúolos de uma escrita-oficina. In: RIGUE, Fernanda Monteiro (org.). **Rizomas em educação**. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2021. p. 13-28.

RIGUE, Fernanda Monteiro; SALES, Tiago Amaral. Cartas-conselhos para um devir-educador/a. **Perspectivas em Diálogo**, Naviraí, v. 10, n. 24, p. 294-310, 2023.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

SANTOS, Rhaul de Lemos; FERNANDES, Sueli de Fátima; SILVA, Paulo Vinicius Baptista da. Negros/as surdos/as: reflexões sobre interseccionalidades e resistências. **Linguagem e Ensino**, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 121-139, jan. 2023.

SILVA, Alessandra Gomes. Corpo-texto, texto-corpo: apontamentos sobre literatura e performance na contação de história em língua de sinais. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, [S.L.], v. 17, n. 4, p. 793-812, 24 ago. 2017.



Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº3, 2024.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

STOKOE, William. **Sign language structure:** an outline of the visual communication systems of the american deaf. New York: University of Buffalo Press, 1960.